



Redação, Administração e Oficinas — Rua do Seculo, 43 — Lisboa

Magua infinita



Imagine você: fecha o Parlamento e eu ainda tinha 4:562 projectos a apresentar. Decididamente não se pode fazer nada neste paiz!



PALESTRA AMENA

Ipana, comilão

O Egito

Os senhores que tem ouvido a «Aida» sabem pouco mais ou menos onde fica o Egito: entrando no estreito de Gibraltar, vindo do Atlantico e seguindo pelo Mediterraneo, fica á mão direita. Ora, o Egito foi uma grande nação, em tempos afastados, conforme podem averiguar se lereis a «Silambó», do nos-o estinado colega Gustavo Fl ubert; teve uma civilização aprimorada, como ainda hoje se revela, principalmente pela existencia de enormes piramides, que provam que os edificios possuíam, pelo menos, profundos conhecimentos de geometria no espaço.

Por motivos que não veem para aqui, (primeiro, por falta de tempo, segundo, por falta de paciencia para folhearmos a historia) um dia começõu o Egito a decair, a ser mal governado, a prejudicar-se a si proprio e a prejudicar os outros.

Havia lá, sim, o culto do passado, mas quanto ao presente ninguem lhe dava importancia e quanto ao futuro—quem viesse atraz que fecnasse a porta. Viviam ao Dens dará—e enchiam-se a boca com as gloriosas recordações dos Faraós, do boi Apis e d'outras honrarias historicas muito valiosas para museus de antiguidades, mas sem utilidade actual.

Ninguem por lá trabalhava, recorria-se a empréstimos, a justiça era palavra sem sentido, a vergonha tinha ido á vela, enfim, a desordem era tal, que as nações estrangeiras, pela voz da Inglaterra, disseram: — «Basta de pagode. Quem não sabe governar-se precia de tutor». E a Inglaterra tomou conta d'aquilo, passando os egipcios a servir os estrangeiros e fazer outros papeis muito reles, em que a sua dignidade era a cada momento amachucada.

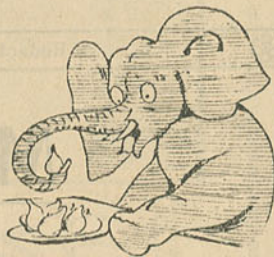
Os estrangeiros administraram bem; os rendimentos aumentaram, os codigos applicaram-se com igualdade, etc. e o indigena, com aquele exemplo á vista, deixou-se de adorar o Apis e de estar de cócoras perante as mumias dos Faraós e entendeu que devia tambem trabalhar—e tanto que, a certa altura, a Inglaterra julgou-os dignos de se constituirem novamente em nação livre e deram-lhe a independencia. Mas, até esta ponto—e tal liberdade e independencia são mais virtuais do que reais—quantas humilhações sofreram os pobres diibos, quantos escarneos, quantas miserias! Enfim, não vale a pena insistir na lição, porque hoje, felizmente, não é possível desastre semelhante, porque não existe povo tão inhabil como aquele o foi.

Ou existirá?

J. Neutral.

Não se pode ser elefante em Lisboa! Aquele pobre Ipana, do Jardim, não dá um suspiro que a imprensa não dê logo a noticia com centos de permenores. Se até houve um jornal que, a proposito do bicho, descreveu a embaixada de el-rei D. Manuel ao papa!

Agora até se publica o que o animal come, que é nem mais nem menos do que o seguinte, por dia: 5 litros de



fava, 3 quilos de farinha de cevada, meio quilo de pão, 5 quilos de maçãs ou peras, 1 molho de cenouras e cerca de 15 quilos de hervas — o bastante para sustentar umas cincoenta familias.

Mas o caso não fica por aqui. Não é só o elefante que come como uma besta; o guarda tem tambem um belo estomago, de modo que os dois juntos gastam por dia uns 6 escudos.

—E' um escandalo! dirá o leitor. Gastar-se assim tanto dinheiro, com dois entes que nada produzem!

Perdão: o cornaca não produzirá mais do que qualquer de nós, mas quanto ao elefante, se um boi faz, como se sa e, mais do que cem mesquitos, imagine-se quanto fará uma azenatesma d'aquelas!

Restrição da agua

Aí está uma providencia que nem por isso produziu grande impressão na capital; a restrição dos pratos nos hoteis e restaurantes deu muito mais que fa-

caixeiro, disposto a todos os sacrificios pelo bem geral:

— Ouviste, rapaz? De futuro não deites mais d'um litro d'agua em cada cinco de vinho.

O Marques, na costumada roda de amigos:

— Eu, se fosse governador civil, acabava n'um abrir e fechar d'olhos com uma das causas mais importantes do desperdicio da agua n'este tempo?

— Como?

— Ora! Com um simples edital, n'estes termos:

«São prohibidos os incendios em Lisboa durante os mezes de verão!»



lar que a restrição do consume da agua. Eis as informações que chegaram ao nosso conhecimento.

Em casa do Teixeira. Este, para as filhas:

— Já leram o decreto da agua? é necessario limitar o consumo...

A mais velha:

— Mas como, papá?

O Teixeira:

— Demos o exemplo. D'aqui para deante o luxo de lavar os pés, cá em casa, uma vez por semana, acabou. Lavam-se uma vez por mês...

Na taberna do Silva. Este, para o

Já tratámos do assunto e embirramos com repetições, mas d'esta vez fazemos uma excepção. Referimo-nos ao estado das escolas primarias no paiz e ás queixas que a respeito d'elas, os professores respectivos fazem todos os dias no «Seculo».

Nem sempre são razoaveis essas queixas, como, por exemplo, a do professor Agostinho Pereira, de Fornos de Algodres, que está todo zangado porque no rez-do-chão do edificio da escola, vivem segundo diz, porcos e cavalos.

Ora tenha paciencia, mas não lhe assiste razão nenhuma. Então onde queria que vissemos os animaesinhos? no 1.º andar? Já é vontade de dizer mal!

Má lingua

Subornos

Muito nos apraz registar que ultimamente numerosos funcionarios encarregados de fiscalisar os generos alimenticios tem recusado nobremente o dinheiro com que os prevaricadores os tentam e tem feito o seu dever, entregando-os á justiça.

A proposito, lá vai uma anedota sabida, sem segundo sentido.

Certa rainha, d'uma nação asiatica, afirmava um dia perante ás suas damas mais intimas, que a mulher verdadeiramente honesta não se venderia por dinheiro nenhum. Uma das aias, conhecida pelas suas brejeirices, sorriu.

— Porque sorris? perguntou a soberana.

— E se oferecessem três biliões de libras?

A rainha, em sobresalto:

— Pois haverá quem ofereça uma quantia d'essas.

Repetimos: a anedota é velha e não tem cabimento no caso sujeito. Escrevemo-la, para amenisar, apenas.



Carta do "Jerolmo"

Figuera da Foz 3 de Setembro.

Indultrada amétade:

Esculpa não te ter escrevido dênos que xeguei a esta praia mas u papel aqui custa um dinheirão i intão tanho istado a ver ce ele ce põi mais barato mas cumo cada vez istá mais caro nan tanho oitro remedo cenão abachar a uelha.

Cando eu prati de Péras Ruivas pra vir pra benhos pur cõsa da minha unha incravada i pur mandado du noço brabero pedisteme que te dixee cumo era u mar porque nunca u vistes nim cu u tinha visto. Credo! aquilo é uma imencidade de anga mais maior cá xar-neca da xaniça i, eigundo me dixeram, tem mais de mil peches de toudas as colidades mas fica çabendo que é touda çalgada como uma pilha i que nunca istá quedo tal qual cumo u noço caxo-po mais novo. Na minha impenião tem mais de dês legoas i já oivi dezer que chega inté ó Brazil, mas pareseme que é iscouva porque u Brazil fica a mais de trinta legoas.

Já tumei 12 benhos; u pruméro é que me costou porque me introu munta anga pella boca pellos oívidos e pellos olhos mas agora tapo tondos us boracos i já nan á nuvidade. A unha é que istá cada vez mais incravada, mas inté ver nan é tarde. Aqui çó ouve triato duas vezes pur a trupe du Enrique Alves que arrepersintaram us «Palhas-sos» i u «Conde Varão», nan acisti porque istou aqui pra descansar i porque aqui nan vou de brola ó triato i lá pagar é que tó rola.

Nan te isquessas de mandar batatas, coives, fruta, fajões, carne de porco, gallinhas i oitras ortalissas que te alem-bres porque aqui us pressos ção munto isaltados i cum isto nan te infado mais i mandote muntas çoidades i alimbranças á noça familia i touda a nvrigação ámen.

Teuuspouso inté mais ver

Jerolmo,

Emprezario do pauliteama de Peras Ruivas.

Crendices populares

Os povos dos arredores das Caldas da Rainha and im assustadíssimos porque entre eles se espalhou de que um «chauffeur», guiando um automóvel fantástico, raptava crianças para lhes aproveitar o sangue, não se sabe bem con que fim.

Não se admirem. O povo das aldeias da ilha da Madeira acreditou, quando d'uma epidemia, que certo medico vinha do Funchal a Lisboa e regressava no mesmo dia, semeando depois por lá os microbios da doença.

Pois se ha até quem acredite que os generos alimentícios vão abundar em Lisboa!

EM FOCO

O "Piroli" das praias



Na Figuiera da Foz a toda a hora
Ouv-se este pregão ou cega-rega:
— «Piroli! piroli!» e quem o prega
Logo ameaça que se vai embora.

Segue de rua em rua ou praia fora
E para convencer a gente cega
— «E' tan dôce!» com arte diz e alega,
— «Chora!» exclama depois, «menina,
chora!»

Vende-os aos mil por dia, de maneira
Que não ha cidadão nem ha madama
Que não chup: n'aquela mamadeira

E é de supôr que em breve corra fama
Que é moda entre os banhistas da Fi-
gueira
Fingir uma pessoa que é de mama!

BELMIRO

República africana

Desde que se meteu na cabeça dos pretos a idéa de que tambem são gente, estão levadinhos da breca: a ultima é que n'uma reunião, em Nova-York, a que assistiram 15:000, decidiram que todos os pretos do mundo recolhessem aos patrios lares, isto é, á Africa, para ali formarem uma republica.

Nada temos a opôr, antes muito nos agrada esta prova de tacto dos escarumbas, que, afinal, não valem mais nem menos do que os brancos, e tanto que resolvemos contribuir, na medida das nossas forças, para o bom exito do

de guia e onde lhes mostraremos todas as belezas que possuímos.

Como modêlo de republica de pretos, creiam que não ha melhor.

LOGARES SELECTOS

No liceu do Maranhão

DIRECTOR: Não ha tão perto.
Não ha em toda a nação.
Que eu saiba, pai tão feliz:
Luiz é um talentão.
Ele é um rapaz esperto:
E a honra e gloria dos pais
E' a de ter filhos tais.
Ele na Fonologia
Conta com exame certo.
E quanto á Morfologia,
Sintaxe, Caligrafia,
Ganha a todos no colegio!
No desenho, este tar-co
Promete um artista egregio!
O' Luiz, faça um boneco,
A vêr o que o papá diz.

LUIZ, «pegando no giz».
DIRECTOR, «dando alguns passos»
«Buscndo o ponto de vista»
«O que ele faz em dois traços!»...
«Que me diz, senhor Baptista?!»...

O PAI, «estendendo os braços»
«E abraçando o petiz»:

Com cinco anos escassos!...
Sim, senhor, senhor Luiz!...
Ora, em verdade, não ha...
Mas, filh, que é do nariz?...
— Ah! é verdade, papá!

De João de Deus.



projecto. Assim, como n'isto de republicas umas são melhores do que outras, exatadamente como as monarchias, sendo necessario escolher para modelo a que ofereça mais garantias de bom governo, tomamos a liberdade de convidar os ex.^{mos} representantes da raça negra, em via de se republicanisar, para uma visita a Portugal, onde lhes serviremos

PROVERBIO ILUSTRADO



*Se queres conhecer o vilão...
Conheci-os de calças rotas no fundo, e hoje são eles que não me conhecem a mim...*